

A articulação entre violência escolar e o *bullying* na escola com hemofílicos: uma revisão de literatura

The articulation between school violence and school *bullying* with hemophiliacs: a literature review

La articulación entre violencia escolar y el acoso en la escuela con hemofílicos: una revisión de literatura

Marcos Antonio dos Santos

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá/PR - Brasil

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá/PR - Brasil

Resumo

A hemofilia é uma doença genética e hereditária que acarreta a difícil coagulação do sangue. Com a crescente onda de violências nas escolas, problematizar os cuidados que implicam esta patologia é fundamental. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a violência escolar, o *bullying* na escola e suas relações com a hemofilia. A metodologia de pesquisa foi a revisão de literatura que contou com a análise de 30 documentos entre artigos, dissertações, teses, documentos *on-line* e livros. Os resultados evidenciaram que ainda não existem trabalhos científicos sobre essa tríade temática. Concluiu-se que articular os temas propostos, faz-se extremamente necessário para o campo da educação.

Palavras-chave: Violência escolar, *Bullying*, Hemofilia

Abstract

Hemophilia is a genetic and hereditary disease that impairs the body's ability to make blood clots. With the increasing wave of violence in schools, it is crucial to problematize the care that involves this pathology. Therefore, the present study had the objective of reviewing the literature on school violence, *bullying* in school and its relations with Hemophilia. The research methodology was the review of literature regarding the analysis of 30 documents among articles, dissertations, theses, online documents and books. The results showed that scientific work on this thematic triad is not yet available. It was concluded that articulating the proposed themes is extremely necessary for the field of education.

Keywords: School violence, *Bullying*, Hemophilia

Resumen

La Hemofilia es una enfermedad genética y hereditaria que acarrea en la difícil coagulación de la sangre. Con la creciente ola de violencias en las escuelas, problematizar los cuidados que implican esta patología es fundamental. Ante esto, el presente estudio tuvo como objetivo realizar una revisión de literatura sobre la violencia escolar, el acoso en la escuela y sus relaciones con la

Hemofilia. La metodología de investigación fue la revisión de literatura que contó con el análisis de 30 documentos entre artículos, disertaciones, tesis, documentos en línea y libros. Los resultados evidenciaron que aún no existen trabajos científicos sobre esta tríada temática. Se concluyó que articular los temas propuestos, se hace extremadamente necesario para el campo de la educación.

Palabras clave: Violencia escolar, El acoso, Hemofilia

1. Introdução

As pessoas permanecem um longo período de suas vidas na escola e experienciam múltiplas situações. Para algumas pessoas, as lembranças dos anos iniciais da escolarização até o ensino médio são momentos inesquecíveis. Entretanto, para outras, esse período de suas vidas pode ter sido marcado por situações desagradáveis, frustrações e violências, que elas preferem esquecer.

A escola proporciona a aquisição de conhecimentos, a socialização e o autoconhecimento para muitas pessoas. Ela serve de cenário para inúmeras fases de descobertas individuais que vão desde a infância até a adolescência. Ela é um espaço de formação de vínculos e também oportuniza, para alguns, a aquisição de amigos que parecem irmãos, aqueles que não provêm de laços sanguíneos, mas das amizades construídas ao longo do tempo nesse território escolar. Todavia, essa realidade não é igual para todos; muitos podem ter sofrido desilusões, desencantos, discriminações, que tornam o período da vivência escolar uma época de poucas lembranças. Entretanto, é preciso considerar que não é somente a instituição escolar que forma as pessoas. A família e a sociedade também exercem um papel importante na construção de valores e da personalidade.

Toda experiência é sempre válida de alguma forma, até mesmo aquelas que, por muitas vezes, não foram consideradas agradáveis. Ao enfatizar a escola como um ambiente no qual ocorrem situações interessantes e também inúmeras outras conflituosas, faz-se necessário repensar o papel do professor e/ou educador que realiza um trabalho permanente com os alunos.

Mello e Teixeira (2012) descrevem que o homem se torna social desde o seu nascimento. Ele está em constante desenvolvimento, e todas as suas manifestações acontecem porque existe o outro social. Vygotsky (1998) também destaca que os processos de aprendizagem não ocorrem de maneira

isolada. As relações entre os indivíduos propiciam trocas de informações e, conseqüentemente, possibilitam a construção de conhecimento.

Diante desses aspectos, foi traçado o seguinte objetivo para este estudo: realizar uma revisão de literatura sobre a violência escolar, o *bullying* nas escolas e hemofilia. A sociedade pouco conhece o que é hemofilia, e por decorrência disso, pode-se configurar um *bullying* implícito que fica invisibilizado. Entretanto, faz-se necessário compreender o que é esta patologia.

De acordo com Bittencourt, Pinto e Jeovanio-Silva (2010), a hemofilia ocorre devido à ausência ou insuficiência de fatores de coagulação no sangue. Segundo a Federação Brasileira de Hemofilia Brasil (2016), há treze fatores dessa coagulação que trabalham em conjunto de acordo com as suas especificidades. No caso da pessoa hemofílica, os fatores que apresentam baixa atividade são o VIII e IX, representados, respectivamente, pela hemofilia “Tipo A” e hemofilia “Tipo B”.

Neste trabalho, será apresentada uma revisão de literatura, que contou com a análise de 30 documentos, entre artigos, teses, dissertações, documentos *on-line* e livros que abarcam a tríade temática principal e que fundamentam este estudo. Os sistemas de busca dos trabalhos foram realizados nas seguintes bases de bancos de dados da *web*: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google e Google Acadêmico. Para realizar o levantamento nas bases de dados, utilizamos as seguintes combinações de palavras-chave: violência e escola, violência e hemofilia, violência escolar e hemofilia, *bullying* e escola, *bullying* e hemofilia, *bullying* e violência escolar.

Os critérios de seleção desses documentos foram os referentes ao período de 2000 a 2017, a produção acadêmica e documentos que discutem a questão do *bullying* para pessoas hemofílicas nesse período.

O que foi possível constatar é que não existem trabalhos sobre esta temática: “*Bullying* com hemofílicos nas escolas”, o que demonstra que ainda há uma lacuna científica para ser preenchida. Ribeiro (2017) descreve que a hemofilia atinge predominantemente os meninos, em função de sua transmissão estar ligada ao cromossomo sexual feminino (X), entretanto, também pode acometer meninas. Normalmente, na escola, durante muitos

anos, a violência física esteve associada a meninos. No entanto, os estudos apontam que a violência envolve vários aspectos: violência física, verbal, simbólica, dentre outras.

A seguir serão descritas essas diferentes formas de violência e manifestações do *bullying*, encontrados na revisão de literatura, e como a hemofilia pode se fazer presente diante desse contexto.

2. A violência escolar

De acordo com Schuchardt (2012), a violência é um problema que está presente na escola. Ao longo da história, crianças e adolescentes estiveram envolvidos ou se envolveram em situações e relações de maus tratos, em várias instituições e com vários sujeitos sociais. Com o advento das transformações socioculturais, passou-se a dar ênfase aos sujeitos de direitos, assegurando-lhes total proteção frente aos segmentos da sociedade pública e civil.

Segundo Abramovay (2002, p.171), as manifestações de violência que ocorrem com frequência no âmbito escolar são de vários tipos: vão desde qualquer tipo de agressão verbal (na qual se incluem xingamentos, desrespeito, ofensas e modos grosseiros de se expressar), até as discussões ocasionadas por motivos banais ou ligadas ao cotidiano escolar, e as agressões físicas propriamente ditas. Essas agressões ganham atenção pelo grau de violência e agressividade envolvidas nas disputas, pelos instrumentos e mecanismos utilizados para atacar o adversário e pelo fato de os alunos estarem ora como vítimas, ora como agressores.

No caso dos hemofílicos, essas situações são bem complexas, pois, na hemofilia grave, qualquer empurrão pode provocar uma hemorragia e ser fatal. Crianças costumam brincar de forma agradável a maior parte do tempo nas escolas. Entretanto, também é preciso considerar que as provocações entre elas são comuns, principalmente, entre os meninos, com brincadeiras de lutas e elementos culturais transmitidos ao longo da história de machismo e necessidade de lutas corporais para mostrar valentia. Esses aspectos precisam ser observados pelos professores com todos os alunos, e, com os hemofílicos, faz-se necessária uma atenção especial.

Há de se destacar também a violência simbólica¹, que, de acordo com Bourdieu e Passeron (1975), é a dominação da classe hegemônica sobre o proletariado. Warat (2003) descreve essa forma violência como uso para discriminação e exclusão, ou seja, nessa configuração, busca-se desconsiderar as ações e os pensamentos dos indivíduos que se encontram em alguma condição desprivilegiada de qualquer poder.

Fante (2015) indica que, no que se refere à violação dos direitos no segmento escolar, a violência é um dos obstáculos que impossibilita o pleno desenvolvimento da criança e do adolescente nos processos de construção da cidadania e de formação para o trabalho, sendo esses os principais tópicos retratados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96).

Para tanto, é preciso compreender o real conceito sobre violência. Segundo Pingoello (2014), algumas das definições existentes sobre essa palavra são simplesmente para poder torná-la legível, e, a cada novo paradigma que se constrói, é possível elaborar diferentes perspectivas e conceitos. Tendo como referência esse princípio, a autora ainda menciona que o que se pode fazer é defini-la a partir de sua forma funcional e compete a cada pesquisador buscar sua interpretação.

No caso de pessoas com hemofilia, são necessários cuidados especiais e estudos aprofundados, tanto para entender como essa patologia se manifesta, como para esclarecer os professores na formação inicial e continuada sobre como devem agir para assegurar a proteção desses alunos e a convivência saudável e prazerosa no ambiente escolar.

Stelko-Pereira e Williams (2010) afirmam que uma das principais dificuldades em se adotar uma definição mais precisa para conceituar o que é a violência escolar ocorre devido à violência poder ser expressa de múltiplas

¹ O conceito de violência simbólica foi criado pelo pensador francês Pierre Bourdieu, para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados (BOURDIEU, 1989), ou seja, o grupo a qual se encontra subordinado incorpora uma ideologia da classe dominante e aceita a sua resignação. A violência simbólica se manifesta das seguintes formas: pela formação da opinião pública através dos meios de comunicação de massa, pregação religiosa, atividade artística e literária, propaganda e a moda, pela educação familiar e por meio dos sistemas escolares. Segundo Abramovay (2002) e Saviani (1961), a escola está propícia à violência simbólica devido à educação como instrumento de reprodução e construção de sentidos gerarem mensagens que passam despercebidas por meio das expressões comunicativas, sendo esta violência a mais difícil de ser percebida, pois é exercida quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesses e significados para a vida dos alunos ou quando os professores abandonam os estudantes e conseqüentemente os desvalorizam com palavras e atitudes de desmerecimento.

formas, bem como ser compreendida de maneiras distintas. Ao seguir essa linha de pensamento, Abramovay (2005) descreve que:

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais. (ABRAMOVAY, 2005, p. 53)

Essa definição vai ao encontro da explicação apresentada por Pingoello (2014), que considera que é necessário compreender e acompanhar as transformações sociais que permeiam e afetam diretamente um dado contexto social. Fante (2015) descreve que, cada vez mais, a violência tem sido o principal motivo de preocupação das escolas de todo o mundo. De acordo com a autora, durante toda a década de 1980, a temática violência foi debatida pelos pesquisadores a partir das manifestações referentes à segurança pública, por meio de atos juvenis que envolveram depredações e pichações. Já as relações interpessoais passaram a adquirir centralidade enquanto fenômeno violento, somente partir da década de 1990 (FANTE, 2015).

Ao buscar entender os diferentes processos que dão forma às relações interpessoais, é preciso considerar que cada indivíduo tem sua singularidade, o que o torna diferente dos demais. Dale Carnegie (1883-1955) foi um famoso escritor norte-americano e, em um de seus escritos, magistralmente expressou o seguinte pensamento: “Ao lidarmos com pessoas, lembre-se de que você não está lidando com seres lógicos, e sim com seres emocionais” (s.d.).

Essa definição traduz, de forma concisa, o quanto os seres humanos, a todo o momento, agem em função dos aspectos relacionados à emoção, afinal, somos constituídos por um misto de sentimentos como: amor, alegria, ansiedade, comoção, decepção, antipatia, empatia, desprezo, felicidade, gratidão, medo, ódio e tantos outros que podem sofrer alterações e que partem da subjetividade.

Nesse sentido, há de destacar ainda o constante processo de autoconhecimento a que somos submetidos, cotidianamente, em função das experiências de vida, pois, para entender o outro, se faz necessário também

conhecer a si mesmo, para assim obter um controle maior sobre os aspectos emocionais.

Um dos maiores exercícios de reflexão se origina a partir das relações que se estabelecem entre diferentes pessoas. Vive-se em meio a uma pluralidade cultural, e essa tem sido uma das tônicas mais debatidas na sociedade no seu contexto atual, sobretudo, quando se relaciona ao contexto escolar.

Em tempos modernos, as escolas, de um modo geral, convivem com uma multiplicidade de pessoas que trazem suas diferentes culturas, saberes, identidades e valores para o interior dessas instituições. Nesses espaços, em muitos momentos, os interesses se contrapõem e as identidades culturais entram em conflito, o que, conseqüentemente, acaba ocasionando inúmeras situações que precisam vir a serem problematizadas. Portanto, não somente as pessoas hemofílicas precisam ser tratadas com respeito nas escolas, mas todos que as frequentam, desde os servidores básicos, aos alunos e professores.

Vinci (2015) aborda que o ato de problematizar deveria ser considerado como uma diretriz para todos aqueles que estão empenhados em pesquisar tópicos educacionais. Quando se faz referência à educação, é preciso estar atualizado sobre as diversas problemáticas que atingem diretamente esse setor, a fim de construir e/ou reconstruir ações que tendem a minimizar, ou até mesmo erradicar, algumas questões consideradas problema.

Nesse sentido, há de se fazer uma ressalva a uma considerável problemática existente e recorrente, que, conforme Silva (2015), tornou-se recorrente nas escolas de todo o mundo nos últimos anos, o *bullying* e, principalmente, o *bullying* na escola. A seguir, descreveremos os estudos sobre essa temática encontrados na revisão de literatura.

3. O *bullying* na escola

Para poder descrever e entender alguns dos conceitos provenientes do que é o *bullying*, inicialmente, é necessário considerar sua existência desde a sua origem nas primeiras escolas. Nesse sentido, Fante (2015), Prudente (2015) e Silva (2015) o evidenciam como um fenômeno tão antigo quanto às

próprias instituições escolares e que levou séculos para se tornar objeto de estudos de cunho científico.

De acordo com Silva (2015) a palavra *bullying*, até pouco tempo atrás, era praticamente desconhecida por parte do grande público. Segundo Pingoello (2014), essa terminologia é de origem inglesa e foi adotada no Brasil por não existir nenhuma outra palavra que abranja o seu real significado.

Nesse segmento, Silva (2015) menciona que o termo é utilizado para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Esses comportamentos englobam as agressões (físicas ou psicológicas), assédios e as ações de caráter desrespeitoso quando realizadas de maneira recorrente e intencional por parte daqueles que se encontram na condição de agressor.

Para Pingoello (2014) e Fante (2015), as primeiras pesquisas sobre *bullying* se iniciaram a partir da década de 1970, na Suécia e na Dinamarca. Na década de 1980, na Noruega, ocorreu um forte interesse por essa temática, sobretudo no ano de 1982, quando a indústria midiática deu enfoque ao suicídio de três crianças, com idade entre 10 e 14 anos. Nestes suicídios, ficou constatado que as prováveis causas poderiam ter sido as situações de maus-tratos as quais os jovens foram submetidos pelos próprios colegas de escola.

Pingoello (2014) discute que esse fato chamou a atenção para as relações entre pares no âmbito escolar. Para Fante (2015), esse acontecimento resultou em uma grande tensão e preocupação social, principalmente, no contexto escolar e familiar, que despertou no Ministério da Educação da Noruega interesse em discutir a gravidade do problema enfrentado.

Silva (2015) elucida que, em resposta à grande mobilização nacional ocorrida diante do episódio relatado, o Ministério da Educação da Noruega desenvolveu uma campanha, com a finalidade de se combater, de modo efetivo, qualquer prática proveniente de *bullying* no contexto escolar. Segundo Fante (2015), essa campanha foi realizada no ano de 1983 e teve como principal idealizador e pioneiro nos estudos sobre essa temática, o pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega.

Dan Olweus, citado por Fante (2005) foi quem constituiu os primeiros critérios para identificar o *bullying* de forma específica, o que permitiu diferenciá-lo de outras possibilidades interpretativas, como, por exemplo,

situações de incidentes e gozações ou de brincadeiras entre os estudantes, características do processo de amadurecimento do indivíduo.

Schuchardt (2012), Fante (2015) e Silva (2015) enfatizam que Olweus desenvolveu uma ampla pesquisa nas escolas norueguesas, que envolveu aproximadamente 84 mil estudantes, de 300 a 400 professores e 1000 pais de alunos. Os sujeitos desta pesquisa foram distribuídos entre os diferentes níveis de ensino, por meio da aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada, que abarcava 25 questões de múltipla escolha. O objetivo principal era avaliar as taxas de ocorrências de *bullying* e as formas pelas quais ele se apresentava na vida escolar das crianças e dos adolescentes.

Considerando os resultados dos estudos desenvolvidos por Olweus em nível nacional, Pingoello (2014) menciona que 15% dos alunos matriculados na educação básica norueguesa estavam envolvidos diretamente com o *bullying*. Entretanto, também foi possível constatar que ele estava presente de forma equivalente, ou até mesmo superior, ao que ocorria na Noruega, em diversos países como a Suécia, Finlândia, Inglaterra, Holanda, Japão, Irlanda, Espanha, Austrália e Estados Unidos (SILVA, 2015).

Schuchardt (2012) observa que o que motivou a expansão dessas pesquisas para vários países foi justamente pensar nas adaptações a serem feitas de acordo com a realidade de cada comunidade. A autora cita que, em Portugal, a pesquisa realizada por Olweus contou com a participação de 7000 indivíduos. Após a coleta e processamento das informações objetivas, constatou-se que 22% dos alunos, com faixa etária entre seis e 16 anos, já haviam sido vítimas de *bullying*.

Os primeiros resultados obtidos pela pesquisa na sua totalidade foram somente divulgados no ano de 1989 (SCHUCHARDT, 2012; SILVA, 2015). Os dados demonstraram, de forma veemente, que um em cada sete estudantes se encontravam envolvidos em casos de *bullying*, ora nos papéis de vítimas, ora nos de agressores (SILVA, 2015).

Silva (2015) destaca o livro publicado por Olweus, em 1993, que se intitula *Bullying at school*, no qual foram apresentados os detalhamentos dos resultados encontrados, discussões sobre o problema e a apresentação das intervenções e formas de se identificarem quem são os agressores e as vítimas. A autora ressalta que, por decorrência dessas revelações, toda a

sociedade civil ficou mobilizada, o que motivou a se criar uma campanha nacional *antibullying*, que recebeu total apoio do governo norueguês.

Diante dessa margem estatística, Fante (2015) e Silva (2015) destacam que esse programa de intervenção tinha como propostas atender aos seguintes objetivos: elaborar regras precisas contra o *bullying* na escola; fazer com que houvesse uma participação mais ativa dos pais e professores contra essa prática; expandir a conscientização sobre o problema, com o intuito de se desfazer mitos e ideias errôneas sobre o *bullying*, e, por fim, promover total apoio e proteção às vítimas contra esse tipo de violência escolar.

Segundo Fante (2015) e Silva (2015), esse programa, depois de efetivado demonstrou eficácia na redução do número de casos de *bullying* em até 50%, resultado que estimulou, de maneira imediata, outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, a aderirem aos estudos que abarcassem essa problemática, bem como a desenvolver programas de intervenção.

Smith *et al* (2003) discutem que, oito meses após iniciar a intervenção *antibullying*, foi possível constatar uma redução significativa no que se refere aos índices de vitimização, com uma média 50% entre os meninos e 58% entre as meninas. Já em relação aos autores das práticas de *bullying*, os índices percentuais evidenciaram uma queda de 16% entre os meninos e de 20% entre as meninas.

O autor ainda comenta que, mesmo após ter passado por um período de quase dois anos, esses índices continuaram a crescer significativamente, o que resultou em uma considerável elevação nos números que representam vitimizações, ou seja, 52% entre os meninos e 62% entre as meninas foram vítimas de *bullying*. Em relação às pessoas que provocam o *bullying*, as pesquisas evidenciaram um aumento da violência entre os meninos e meninas (FANTE, 2015).

Fante (2015) e Silva (2015) revelam que a maioria das publicações internacionais desenvolvidas sobre *bullying* ocorreram na década de 1990. Já no Brasil, Pingoello (2014) e Silva (2015) citam que as primeiras pesquisas referentes ao tema surgiram no final de 1990 e início dos anos 2000, por iniciativa de profissionais da área da educação, que estavam preocupados com a crescente onda de violência nas escolas.

Em meio às inúmeras pesquisas existentes, Pingoello (2014) tematiza duas que apresentam dados expressivos. A primeira foi o estudo realizado pela educadora Fante (pioneira nos estudos sobre *bullying* no Brasil), desenvolvida com dois mil estudantes da rede de ensino pública e privada na região de São José do Rio Preto – São Paulo. Os resultados obtidos demonstraram que 49% dos alunos estavam envolvidos com o *bullying*, sendo 22% na condição de vítima, 15% como agressores e 12% como vítimas agressoras.

A segunda pesquisa mencionada foi a desenvolvida pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), sob a coordenação de Lopes Neto e Saavedra (2003). Os dados coletados mostraram que, dos 5875 alunos pesquisados, 40,5 % estavam envolvidos com o *bullying*, das quais 17% como vítima, 13% como agressores e 11% como vítimas que reproduzem as agressões que sofrem. Essa nomenclatura tem sido bastante discutida na literatura sobre *bullying*. Outros autores utilizam autor e alvo, no lugar de agressor e vítima.

Limber e Small (2003) refletem que o *bullying*, ao longo de sua história, não foi visto como um tema relevante na infância. Fante (2005), entretanto, evidencia que, nas últimas três décadas, essa visão foi rediscutida, e o *bullying* começou a ser objeto de atenção dentro e fora do universo escolar.

A autora compreende que as pesquisas realizadas no Brasil revelaram que o *bullying* se faz presente nas escolas brasileiras, independentemente de localidade, tamanho, séries atendidas, se públicas ou privadas. As salas de aula aparecem sempre como o lócus de tal fenômeno, diferentemente das pesquisas realizadas em Portugal, que indicaram que as agressões ocorrem com maior frequência no pátio, durante os intervalos das aulas.

Silva (2015) aborda que a boa escola não é aquela na qual necessariamente não ocorre o *bullying*, mas sim aquela que, quando ele existe, sabe enfrentá-lo com coragem e determinação. A autora complementa que não se pode desconsiderar esse fenômeno como uma via de mão dupla, afinal, ele ocorre de dentro para fora da escola e vice-versa. É justamente por decorrência desse modelo de configuração, que acontecem muitas tragédias nas imediações escolares, em *shoppings*, festas ou ruas, ao passo que poderiam ter sido motivadas e originadas dentro do âmbito escolar.

Fante (2015) considera o *bullying*, de modo geral, como sendo um conjunto de comportamentos intencionais e repetitivos, utilizados por um ou mais estudantes, que não se apresentam com motivação aparente e, por consequência, causam dor e sofrimento dentro de uma relação desigual de poder, o que proporciona uma abertura para a intimidação. Complementando essa reflexão, Fante (2010) constata que:

O *bullying* envolve todos os estudantes, sejam como vítimas, autores ou espectadores. Propicia um ambiente escolar desfavorável à construção da cidadania e promoção do respeito à dignidade humana, da solidariedade, da compaixão e do compromisso com o outro. As vítimas são diretamente afetadas em sua autoestima e capacidade de reação, uma vez que são importunadas ou expostas repetidamente a situações humilhantes, ameaçadoras, difamatórias, intimidatórias, excludentes. Dependendo da gravidade, os efeitos podem resultar em sequelas que podem acompanhá-las para além do período acadêmico. (FANTE, 2010, p.8)

Essa citação traduz as instâncias nas quais ocorre o *bullying* na vida dos estudantes. Pingoello (2014) compreende que estejamos atentos ao *bullying* como um problema social, e principalmente, que não se deixe a cargo de apenas um indivíduo o seu controle e sua solução.

Na visão da autora, a escola assume um importante papel no sentido coletivo, e um dos principais atores que fazem parte desse processo é o professor. É preciso destacar que muitos dos problemas enfrentados pelo âmbito escolar, dentre eles o *bullying*, ocorrem de forma permanente e ascendente, devido à ausência das relações dialógicas que o grande mestre Paulo Freire (2001) tanto valoriza.

O professor, por si só, tem a tarefa educar e ensinar, pois os conhecimentos nos processos de escolarização, em sua maioria, são mediados por ele e pelos próprios alunos. Todavia, esse profissional também tem a difícil tarefa de ensinar aquilo que alimenta o ato de ser humano, no sentido figurado da palavra. Muitos professores não buscam seguir essa filosofia. Entretanto, esse ensinamento é fundamental, sobretudo, no que se remete aos processos de relações interpessoais que discutem e problematizam sobre a aceitação e o respeito entre diferentes indivíduos.

As pessoas e crianças que praticam *bullying* não entendem essas reflexões no sentido da importância da formação humana e tampouco do contexto da diversidade cultural. Muito pelo contrário, elas as desconsideram e

repudiam. O processo de escuta dos alunos que sofrem *bullying* no âmbito escolar deve ser trabalhado de forma contínua, tendo em vista que qualquer dificuldade precisa ser compartilhada, mesmo que, em muitas das muitas vezes, o aluno se sinta envergonhado, receoso e, principalmente, amedrontado.

O *bullying* já não é mais uma problemática que fica à mercê da desconsideração da escola em relação a outros assuntos, muito pelo contrário, ele adquiriu importância e, cada vez mais, vem ganhando força. O fato é que, no Brasil, a fim de combater um aumento significativo de casos de violências no universo escolar, aprovou-se no Senado, em 2015, o projeto que deu origem à Lei 13.185/2015, conhecida como a “Lei do *Bullying*”². Esta lei tem como objetivo prevenir e combater a prática da intimidação sistemática na sociedade de um modo geral (BRASIL, 2017).

Há de se destacar também o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 7/2014, que deu origem à Lei nº 13.277/2016, instituindo o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola (BRASIL, 2017). Essa lei foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff e aprovada de maneira simbólica pelo Plenário do Senado, no dia 7 de abril de 2016, entrando somente em vigor a partir do ano de 2017 (BRASIL, 2017).

A escolha dessa data faz menção à tragédia ocorrida no dia 7 de abril de 2011, quando 12 crianças (10 meninas e dois meninos, cuja faixa-etária variava

² **Combate ao *Bullying*:** Essa nova lei determina que seja considerado como *bullying* ou intimidação sistemática todo ato que corresponde à violência física ou psicológica, intencional e repetitivo, que ocorra sem motivação aparente, ao qual é praticado por um indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar ou agredir, causando dor e angústia à vítima. *Fonte:* Diário Oficial da União. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/11/presidenta-dilma-sanciona-lei-de-combate-ao-bullying>>. Acesso em: 19 ago 2017.

Classificação do *Bullying* ou intimidação sistemática: **Verbal:** insultar, xingar e apelidar pejorativamente. **Moral:** Difamar, caluniar, disseminar rumores. **Sexual:** Assediar, induzir e/ou abusar. **Social:** Ignorar, isolar e excluir. **Psicológico:** Perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar. Dominar, manipular, chantagear e infernizar. **Físico:** Socar, chutar, bater. **Material:** Furtar, roubar, destruir pertences de outrem. **Virtual:** Depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social. *Fonte:* Diário Oficial da União. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/11/presidenta-dilma-sanciona-lei-de-combate-ao-bullying>>. Acesso em: 19 ago 2017.

Nas escolas passam a ser consideradas obrigatórias que todos os estabelecimentos de ensino, clubes e agremiações recreativas assegurem medidas de conscientização, prevenção e combate à violência e a intimidação sistemática. *Fonte:* Diário Oficial da União. *Fonte:* Diário Oficial da União. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/11/presidenta-dilma-sanciona-lei-de-combate-ao-bullying>>. Acesso em: 19 ago 2017.

entre 13 e 16 anos) foram brutalmente assassinadas a tiros, na Escola Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro (BRASIL, 2017). Esse episódio ficou popularmente conhecido como o massacre de Realengo (BRASIL, 2017).

Nessa mesma época, por meio de relatos, constatou-se que o atirador teria sofrido perseguições sistemáticas no período em que estudava nesse colégio (BRASIL, 2017). Este fato foi caracterizado como situações que inferiram nas práticas de *bullying*. Houve uma alteração na conjuntura dessa prática, ou seja, de vítima, ele passou a ser o agressor, o que o constitui como vítima-agressora.

Esse acontecimento chama a atenção no que se refere aos aspectos pertinentes ao campo da formação de professores. É preciso desenvolver trabalhos que tenham como enfoque a utilização de estratégias didático-metodológicas voltadas para o entendimento daquilo que se designa como um problema, neste caso o *bullying*. Faz-se necessário que essas práticas sejam discutidas e rediscutidas possíveis soluções em torno desse contexto por meio do diálogo, e não da revidação.

O ato de revidar nunca é a melhor solução, pois agir dessa forma só tende a prolongar ainda mais as situações de conflito. Na maioria das vezes, as vítimas agressoras se utilizam dos mesmos métodos (torturas físicas e/ou psicológicas) que sofrem e/ou sofreram de *bullying* (dos agressores), para fazê-lo com outras pessoas, que, por sua vez passam a se tornarem vítimas de tal prática. Aparentemente, é como se fosse um processo de transferência para aliviar uma dor que é muito particular. No entanto, até que ponto isso realmente faz bem para o ser humano? Aliás, quem foi que disse que, ao agir dessa forma, todo o sofrimento e transtorno já sofrido por decorrência de uma circunstância momentânea de *bullying* serão esquecidos?

É preciso ressaltar também que, na cidade e na prefeitura de Curitiba, no ano de 2014, foi implantado o projeto “*Bullying não é brincadeira*”, com o intuito de levar esse tema para as escolas e discuti-lo com os alunos (CURITIBA, 2017). O projeto abrangeu mais de 72 mil crianças e estudantes e está em conformidade com a Lei 13.185/2015, com os objetivos de promover o respeito às diferenças, às singularidades e evitar a violência entre os estudantes (CURITIBA, 2017).

Essas e outras inúmeras questões que podem surgir quando relacionadas à temática *bullying* devem ser trabalhadas no âmbito escolar de maneira reflexiva e sensibilizada, uma vez que é preciso fomentar nos alunos o despertar para uma consciência crítica (BRANDÃO, 2008; FREIRE, 1980), assim como um olhar diferenciado partindo da perspectiva do sentido da formação humana.

4. Considerações finais

Esses tópicos, mencionados em torno do revide e das situações de opressor *versus* oprimido, fomentam uma abertura necessária para as discussões sobre como se trabalhar com as relações interpessoais na escola. Além disso, é preciso ter um olhar atento para os processos educacionais, na medida em que eles são construídos e desconstruídos, a fim de não ficarmos estagnados no tempo, como se não houvesse alternativas para resolução de problemas que se tem enfrentado diariamente. Dessa maneira, é preciso investir em campanhas, em cursos, na formação inicial e continuada de professores para a discussão dos seus papéis, em conjunto com os alunos e também com os hemofílicos, para que situações de agressividade sejam superadas nas escolas e com as pessoas.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. *Violências nas escolas*. Brasília: Unesco; Banco Mundial; Unids; Usaid; Fundação Ford; Consed; Undime, 2002.

_____. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: Unesco; Observatório de Violência; Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BITTENCOURT, C. S.; PINTO, L. M. G.; JEOVÂNIO-SILVA, A, L. A leitura como mediação na educação à distância e semipresencial. *Cadernos de Pesquisa e Extensão*, v. 1, n. 1, dez 2010.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRANDÃO, C. R. *O que é o método Paulo Freire*. 29ªed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. *Federação Brasileira de Hemofilia*. 2016. Disponível em: <<http://www.Hemofiliabrasil.org.br/contato/fale-conosco/>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

_____. Senado Federal. Senado notícias. *Criado por lei o Dia Nacional de Combate ao bullying*. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/02/criado-por-lei-o-dia-nacional-de-combate-ao-bullying>>. Acesso em: 11 jul 2017.

_____. Senado Federal. Senado notícias. *Lei de combate ao bullying completa um ano de vigência*. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/07/lei-de-combate-ao-bullying-completa-um-ano-de-vigencia>. Acesso em: 02 Jun. 2017.

_____. *Senado Federal. Secretaria-Geral da Mesa. Secretaria de Informação Legislativa. Lei nº 13.277 de 29/04/2016*. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/legislacao/DetalhaSigen.action?id=602502>. Acesso em: 02 jun. 2017.

_____. Portal Brasil. Cidadania e Justiça. *Presidenta Dilma sanciona lei de combate ao bullying*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/11/presidenta-dilma-sanciona-lei-de-combate-ao-bullying>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

CURITIBA. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. *Projeto Bullying não é brincadeira tem adesão de mais 25 escolas*. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/projeto-bullying-nao-e-brincadeira-tem-adesao-de-mais-25-escolas/40706>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

FANTE, C.; PRUDENTE, Neemias Moretti (Orgs.). *Bullying em debate*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ªed. Rev. e ampl. Campinas: Versus Editora, 2005.

_____. *Trabalhando a prevenção do bullying na escola*. Campanha Aprender sem Medo. São Luís: Plan Brasil; Unigraf, 2010.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3ªed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

_____. *Educação e mudança*. 24ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LIMBER, S. P.; SMALL, M. A. *State laws and policies to address bullying in schools*. *School Psychology Review*, n.32, p.445-455, 2003.

LOPES NETO, A. L.; SAAVEDRA, L. H. *Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

MELLO, E. F. F, TEIXEIRA, A. C. A interação social descrita por Vygotsky e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede. In. ANPED SUL. 9., local do evento, data do evento. *Anais do workshop de informática na escola*. 2012. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/1988>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PINGOELLO, I. *Bullying em sala de aula: percepção dos professores sobre o aluno vítima*. Maringá: Humanitas Vivens, 2014.

- PRUDENTE, N. M. O *bullying* no ambiente escolar: compreensão e enfrentamento. In: FANTE, Cléo. PRUDENTE, Neemias Moretti (Orgs.). *Bullying em debate*. São Paulo: Paulinas, 2015. p.129-190
- SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 4ªed. São Paulo: Autores associados, 1961.
- SCHUCHARDT, E. *Bullying e algumas propostas de ações de enfrentamento dessa problemática*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2012.
- SILVA, A. B. B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. 2ªed. São Paulo: Globo, 2015.
- STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Revista Temas em Psicologia*, v. 18, n. 1, p. 45-56, 2010.
- RIBEIRO, K. D. K. F. Hemofilia. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/biologia/hemofilia.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2017.
- VIGOTSKY, L. S.; COLE, M. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VINCI, C. F. R. G. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. *Filosofia e Educação*, v.7, n.2, p.195-219, jun-set 2015.
- WARAT, L, A. *Educação, direitos humanos, cidadania e exclusão social: Fundamentos preliminares para uma tentativa de refundação*. Out. 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/educacaodireitoshumanos.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.